ANO II — Lisboa—Terça-feira, 2 de Abril de 1918 — N.º 331

Poca:ter:e

A Monarquia

poca:grer

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — MONARQUIA — LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Atalaia, 134

Editor — João A. Santos

Telefone: C. 1035

Os partidos e a republica nova

Diz-se-se que a revolução de 5 de Dezembro foi feita contra os politicos.

O proprio sr. dr. Sidonio Paes, durante as suas viagens pelo país, recebendo os clamorosos e aliviados aplausos do povo, mais de uma vez exclamou: «ah! se não fossem os politicos...» Claro que esta expressão — *politicos* — não se refere aqui aos homens que honestamente procuram nas leis da cidade e que honestamente proclamam a necessidade da sua execução.

Refere-se, e justamente, a uma certa que foi creação da democracia quando poz de parte a distinção natural das classes em que se fundava o *ancien régime*. O politico é assim todo o individuo que deserta do posto em que o enquadrou o seu nascimento ou a que o elevou a sua aptidão profissional para desempenhar uma função que o não reconhece como seu orgão por isso que em todos os tempos, e através de todos os seculos, prescindiu do seu esforço e da sua existencia. Este politico não é um productor de riqueza: é um parasita, é um operario sem trabalho para o qual existe verba nos orçamentos.

A sua existencia dentro da nação não é natural, quer dizer: não corresponde a qualquer relação necessaria á conservação dos estados; economicamente, moralmente, politicamente, os estados existiram, conservaram-se e desenvolveram-se sempre — sem os politicos...

A ordem social que governasse a natureza obedecendo-lhe *nemo naturae imperat nisi parendo!* não reconheceria o politico como orgão da função politica. Mas nos regimens democraticos e anti-fisicos, como dizia Rabelais, o politico é a primeira peça do mecanismo constitucional. O politico tem a sua extensão necessaria no partido. A revolução de 5 de Dezembro, sendo feita contra os politicos, foi feita necessariamente contra os partidos, fóra dos quaes *os politicos* perdem naturalmente toda a sua influencia no governo do Estado.

Mas quando se não queira reconhecer a esta revolução um objectivo tão concreto — e tão complexo, a verdade é que ela representa a condenação bem clara e perentoria da «balburdia sanguinolenta» que nos governou desde 1910 a 1917. A revolução foi feita contra a republica *velha*, afirmou muitas vezes o sr. dr. Sidonio Paes. Ora a «republica *velha*» não é uma expressão vazia de sentido. Ela tem uma fisionomia inconfundivel: é uma bicha de tres pés: um perfil dominador e principal com mais dois de sobrecelente.

Democratismo, evolucionismo e unionismo. Seria uma injustiça querer destruir a republica *velha*, inutilisando apenas o democratismo; mas essa injustiça é agravada pela circumstancia; porque uma tal solução do problema apenas redundaria em beneficio das outras que são, como vimos, simples aspectos fisionomicos da mesma bicha feroz... quer partilhando o poder com os democraticos, quer assegurando-lhes em oposição o funcionamento regular do maquinismo constitucional, esses partidos solidarisaram-se com eles e manifestaram claramente a sua incapacidade, o seu impudor e a sem-razão da sua existencia numa sociedade politica decente. De resto, como poderia chamar-se republica *nova a uma republica dirigida pelos mesmos elementos da republica velha?*

A revolução de dezembro foi um acto de força que, para não ser inutil, tem de produzir uma transformação grande na construcção juridica do Estado. Quem podem ser os agentes politicos dessa transformação? Os partidos que se formaram e viveram á sombra do *statu quo ante*? Os partidos que ainda hoje defendem, com dissolução ou sem dissolução, uma constituição politica e a que se desconhecem as mais urgentes aspirações do cidadão moderno e sob cuja disciplina o país desceu no supremo aviltamento e á suprema miseria? Se quer organisar-se uma republica *nova* deve entender-se que a revolução de dezembro fez recuar a republica á primeira manhã da sua historia quando não havia ainda Constituição, *quando os partidos* dos srs. Camalho, Almeida e Costa; viviam a vida final das possibilidades. Comece-se de *novo*; e, considerando-se inexistentes esses partidos, falte-se-lhes, com todas as condições de viabilidade para que eles ão façam da republica *nova* o mesmo ne fizeram da republica *velha*.

Mas ha quem observe: isso é bom de zer; simplesmente os partidos não se stroem com decretos, nem mesmo com volições. A nau do Estado, sendo uma infora — que deu a costa, não anda sem rodizios; e os rodizios são esses partidos que você quer destruir.

Engano: estes ou outros, não importa. Se a republica fosse um organismo, e fosse a crêr que se lhe não podesse destruir um orgão sem perigo de lhe destruir a vida: não se substitue um coração por outro coração, nem um estomago por outro estomago. Mas a republica é um maquinismo; e nos maquinismos, as pecas renovam-se pela simples vontade do homem, com dependencia de forças exteriores a essa vontade.

Os partidos são um artificio. A sua existencia é democraticamente necessaria porque a função politica que lhes não pertence foi posta, por mal dos nossos pecados, em condições de ser desempenhada por eles. Nas monarquias o exercicio da função politica pertence ao Rei; o Rei é um facto da natureza, um producto da hereditariedade e da selecção — leis naturaes. Os partidos são um facto constitucional, um facto legal, por isso que a sua existencia deriva da existencia duma concepção juridica do Estado essencialmente transitoria, revogavel.

Destroem-se os partidos velhos do mesmo modo que se criam novos partidos. Não se destroe um Rei: — um Rei sem trono é sempre um Rei... sem trono. Tire-se porem-se, a um partido as possibilidades de desempenhar a sua função politica — e o partido desaparece mais ou menos lentamente. Os partidarios preexistem, claro: mas a pouco e pouco dispersam-se, integram-se nos novos partidos emquanto o seu se desmantela.

Temos o exemplo recente da formação dum novo partido: *o centrismo*.

O centrismo existiu muito tempo apenas na imaginação do Sr. Dr. Egas Moniz (S. Ex.ª poderia denominá-lo *Egocentrismo*) e na boa vontade do seu talentoso amigo Dr. Ruella Ramos, advogado no Porto, simultaneamente presidente, secretario e frequentador assiduo do centro que ali fundou.

Foi assim durante os primeiros tempos da sua vida extra-uterina, sob o imperio de Augusto (Afonso *Augusto* da Costa). Mas vem o 5 de Dezembro; o Sr. Dr. Sidonio Paes dá-lhe ostentivamente a mão; diz-se que tem dois ministros no governo; os sidonistas que querem libertar-se da tutela dos antigos partidos apressam-se a ingressar nele; nomeiam-se autoridades centristas; o partido é consagrado como governamental; e aparece grande, forte, pronto a tomar o papel dominante que o democratismo desempenhou na republica velha. Quem fez tudo isso? A vontade, pura e simplesmente, a vontade do Sr. Dr. Sidonio Paes.

Assim como o poder cria partidos, assim os inutilisa. Se o governo quizer pôr a claro todos os erros todos os crimes do democratismo, fazer-lo facil de sobre eles o julgamento dos tribunaes, da imprensa, e a discussão dos comicios, o democratismo perde o seu dominio sobre a opinião publica: uns anos mais de ostracismo, falo-ão desaparecer. O evolucionismo entrou ha muito na agonia: sem a *União Sagrada* teria mergulhado nas sombras do *não ser*.

São dois partidos que não correspondem a um estado de espirito, a uma aspiração nacional; vivem *não e para* o exercicio do poder politico. Desde que uma reforma da vida constitucional se faça, dando ensejo á creação de força politica que, por melhore exprimirem as tendencias da maioria governante, sejam mais capazes de usufruirem esse poder tranquilamente, — claro está que o democratismo e o evolucionismo perdem a sua razão de existir.

Quanto ao unionismo, se o actual governo quizer abandona-lo, como é de justiça a uma legitima autonomia, estou em pensar que a sua atitude mais correcta nos ultimos tempos da republica velha e o alento que lhe trouxe a sua actual comparticipação no poder, permitem que ele venha a ser aquilo que já se comprende que seja: o nucleo aglutinador de todos os elementos republicanos fieis á primeira republica — dos democraticos e evolucionistas que ou não foram engrossar o socialismo ou não preferiram passar-se para os partidos governamentaes.

Este nucleo que será tambem um novo partido, corresponderá a um estado de espirito, como o socialismo ou como o monarquismo; poderá aguentar-se assim fóra do poder, independente dos seus beneficios.

Em resumo: a revolução de 5 de Dezembro deve e pode acabar com os tres partidos da republica *velha*, do mesmo modo que a revolução de 5 d'Outubro acabou com os partidos do constitucionalismo. A transformação politica do Estado iniciada em 5 d'outubro não foi mais profunda do que pode ser, do *que deve ser*, a que se iniciou com a revolução de Dezembro.

Os republicanos de que tenho falado eram portadores de reivindicações politicas contrarias ás que determinaram a formação e o dominio dos partidos monarquicos constitucionais: caindo a Monarquia, desapareceram esses partidos. Pois bem: na sociedade portuguesa definem-se hoje claramente correntes de opinião politica adversas ás que governaram ou justificaram a existencia dos antigos partidos republicanos: esses partidos não devem subsistir no exercicio duma função que não reclama outros agentes: *ceci tuera cela*...

João do Amaral.

Eleições

Saiu hoje um decreto fixando o dia 28 do corrente para as eleições.

Dr. Carlos Sacadura

Quando aqui ha tempos fomos visitados pelo senhor dr. Carlos Sacadura, ao agradecer-lhe a sua honrosa visita, escrevemos que o interesse do ilustre advogado pelo *Integralismo* era tanto que até em uma reunião monarquica efectuada no Porto duas vezes tomara a palavra para o defender. Com esta impressão ficamos, pelo que ouvimos ao senhor dr. Carlos Sacadura, participando dela tambem mais dois ou tres amigos que nesse momento nos acompanhavam.

Afinal, não passou dum equivoco. Porque o senhor dr. Carlos Sacadura declara-nos agora, que foi ás *idas*, e não a nós, que nos defendeu. Tambem não existia motivo para que pessoalmente nos viessemos atingidos numa assembléa em que não tinhamos representante, apesar de existirem no Norte nucleos integralistas já perfeitamente constituidos.

Seja como fôr, a rectificação fica feita e nós aproveitamos o ensejo para testemunhar mais uma vez ao senhor dr. Carlos Sacadura o nosso reconhecimento.

Dr. Pequito Rebello

Volta *A Manhã* a referir-se á vinda para Portugal do nosso querido amigo e camarada dr. Pequito Rebello e em resposta ao que ontem aqui dissémos, redita as mesmissimas tolices e miserias que lhe censuramos.

Coitada! a aspeira está-lhe na massa do sangue.

Porque, do contrario, bem deveria saber que já em tempos afonsistas o ministro democratico Lima Bastos declarára ao nosso querido camarada quando este partiu para terras da França que na primavera o requisitaria para aqui continuar as suas experiencias. Tambem deveria saber que o dr. Pequito Rebello se demorou em França, aonde esteve plantando os hortos para o C. E. P. e egualmente lhe não deveria ser desconhecido o facto de, pertencendo o nosso amigo ao corpo da administração militar, ter não obstante estado por varias vezes na primeira linha de fogo, aonde combateu valorosamente como os verdadeiros portuguêses usam fazer. Ninguem o poderia obrigar a ir para a linha de fogo mas foi, porque assim o desejava e porque não é da massa dos embuscados!

E quando á sua volta para os campos de batalha, o dr. Pequito Rebello sabe muito bem quando a deve realisar e não serão os democraticos — gente que pediu a guerra em altos gritos e prudentemente se deixou ficar em casa por causa das moscas... e das balas — quem lh'a ha de indicar. Cá por casa não ha cavapins... Já o mesmo não poderá dizer a grey afonsista!...

E a proposito: *A Manhã* poder-nos-ia acaso fazer o favor de nos informar de como se tem portado na guerreira interpretaria o mimoso alferes de engenharia Sebastião Costa, a quem pertencia, desde o principio da guerra, estar na linha de fogo?

Segundo nos bichanam aqui ao ouvido, o rapazinho tem sido duma audacia e de um valor extraordinarios. Que o digam os prisioneiros e... as francêsas!

Francisco Beliz

Ontem não pudemos dar, por motivos da ultima hora, o logar que desejariamos ao belo depoimento de sensibilidade que sobre a *Viventia portuguêsa, A Monarquia* inseriu.

Pedimos desculpa a este nosso querido amigo e colaborador, como sempre senhor da nossa estima e do nosso maior apreço.

O manifesto Bernardino e a Imprensa de Paris

Le Temps, que publicava ante-ontem o extracto da nota oficiosa do governo português, inseria ontem o extracto do manifesto Bernardino que diz que «a sedição militar de Dezembro foi um acto de verdadeira pirataria feito contra a guerra e contra os aliados por elementos germanofilos.» Toda a politica de Sidonio Paes tende a relegar para segundo plano e atenuar progressivamente a cooperação de Portugal com os aliados. Tambem *Le Temps* publica um extracto da carta que lhe enviou Betencourt Rodrigues em resposta ás calunio-sas acusações de Bernardino Machado. O ministro de Portugal diz principalmente que ás declarações do sr. Bernardino Machado não tem que opor o menor desmentido. O governo português, cujos actos estão em pleno acordo com as suas declarações categoricas não tem que defender-se de semelhantes acusações. As chancelarias francesa e inglesa bem como os estados-maiores das duas nações aliadas estão a este respeito perfeitamente informadas. O ministro acrescenta que o sr. Bernardino Machado não tardará a ser convidado a comparecer perante os tribunaes portuguêses onde deverá provar as suas acusações.

Estes incidentes não modificam por forma alguma os sentimentos de confiança e reciproca amisade hoje engrandecidos pela alliança contractada sobre os campos de batalha. O ministro conclue por dizer que o governo cumprira até final todos os seus deveres de aliado e todos os seus contractos de honra. Varios jornaes publicam com palavras de simpatia as declarações contidas na nota oficiosa do governo. *La Libre Parole* censura num eloquente artigo a atitude de Bernardino e pergunta por que é que *Le Temps* acolhe com complacencia os protestos e calunias do antigo presidente, não é esse o meio de concillar as simpatias de Portugal ligado á causa dos aliados. **Fast.**

Transcrições

Ao nosso prezada colega *O Liberal*, agradecemos a amabilidade da transcrição do primeiro numero do nosso «Museu anglofilo».

Coelho da Fonseca

Tivemos o prazer de abraçar, já completamente restabelecido, este nosso presado amigo, Monarquico dedicado, Coelho da Fonseca numa discussão politica foi agredido á navalhada na cara por um seu conciscipulo, que é alferes milciano de engenharia. A scena passou-se no instituto Superior Tecnico que ambos frequentam e não nos consta que até hoje, nem o director daquele estabelecimento, nem a autoridade competente, hajam procedido como lhes cumpria. Um dos golpes recebidos por Coelho da Fonseca ia-o atingindo numa das carotidas. Escusado será dizer que o agressor é democratico.

Integralismo Lusitano

Do valoroso semanario catolico *A Paz* que se publica no Porto, recortamos a seguinte referencia á festa da *Monarquia*:

«Um alto significado revestiu, a nosso vêr, o banquete integralista, pelo numero e qualidade dos convivas, pelas affirmações que ahi se fizeram, em eloquentes brindes, produzidos pelos primeiros vultos do movimento, hoje um forte baluarte, onde já se desfazem os impetos democraticos, que ainda subsistem.

Deu-lhe singular realce e um elevado caracter o ter sido presidido pela inconfundivel individualidade do senhor *Conselheiro Aires d'Ornellas*, o representante oficial *do senhor D. Manuel*.

Não ha duvida que o novel movimento integralista, representa, hoje em *Portugal* um forte nucleo de resistencia e de reorganisação tradicional da *Nação Portugueza*.

Iniciando-se por uma doutrinação superior, intellectual e fundamentista, justificadora da sua razão de ser, como o provaram as obras, taes como *O Valor da Raça*, *A Questão Iberica*, *O Sentido do Humanismo*, *O Culto da Tradição* e a *Revista — A Nação Portugueza* desceram já ao campo pratico, onde no terreno nacional, no seio do *Povo Lusitano*, vem fazendo reviver as suas tradicionaes energias latentes, como são testemunhos a organisação levada já a cabo e a existencia do seu brilhante diario *A Monarquia*.

Esperançoso renascimento nacional que nos anima e calorosamente saudamos, porque significa uma das genuinas *Correntes Nacionaes*.

Subscreve estas sensibilisadoras palavras o nome do ilustre jornalista, senhor Antonio Jorge de Almeida Coutinho e Lemos Ferreira. Autor dum notavel trabalho, — *O Ideal Portuguêz, bases de reorganisação nacional*, o senhor Lemos Ferreira é um espirito culto, a quem o nosso movimento interessa pela sua dupla formação catolica e monarquica. Não podia a sua gentileza deixar de nos tocar. Aqui lhe protestamos os nossos agradecimentos com as expressões vivissimas do nosso apreço.

Mayer Garção, o lirico espantoso

Ainda ha poetas, louvado seja Deus, ainda ha poetas! Que o diga a gente rinlustrada que no *Mundo* pontifica em materia de belletristica, e á qual foi dado o espiritual prazer de saborear nas colunas do referido periodico uns mimosos versos da lavra do sr. Mayer Garção e por este senhor endereçados ao sr. Afonso Costa. Ai o que nós gostamos dos versos mayergarçonescos! Não teem ideia nenhuma é claro... Mas, tambem, para que diabo queria o sr. Mayer Garção as ideias se não tem aon'e as meter?

Ai o que nós gostamos dos versos! Demais a mais, o dia em que foram publicados — o 1.º d'abril — dá-lhes um delicioso ar de *poisson* que nem os peixes calculam! Porque é preciso que os senhores saibam: ainda ha poetas no... *Mundo*. Ha por lá muito chumbo ou latão, ossos, cebo e cortumes, acratas de barba longa e versos do Garção. Fe...e...er...ro velho! fe...e...er...ro velho! Ai os versos do Garção, ai o que nós gostamos! Porque, realmente, numa producção poetica dedicada ao queridissimo Afonso Costa falar em bravuras e valentias, coisas guerreiras, Nunalvares *et reliqua* é delicioso como *poisson*; lembra-se a gente logo do paralelo que ha entre o santo heroe de Atoleiros e Aljubarrota e o valeroso caudilho democratico que, do cabeleira em pé e roupa branca em mau estado se atirou pela janela do carro electrico, .. Ai o *poisson* mayergarçonesco! *Les poètes sont terribles*... E naquela de dizer que o heroico feitio do carro electrico foi quem fez entrar a Patria na posse do Direito? Lindo, não acham? como consagração de quem tanto puguou pelos direitos... tortos da formiga e de outras creaturas egualmente bemquistas!

Pois sr. Garção: muitos parabens! Não lhe sabiamos da prenda poetica. E tanto gostamos que, com todo o empenho, lhe recomendamos todas as vezes que faça versos feia o que Castilho dizia a alguem: *Torna-te ás terras que batatas criam!* Os versos do Mayer... Ai o delicioso *poisson!*

Padre Avelino de Figueiredo e Bernardino Guimarães

Fomos visitados hoje, na nossa redação, pelo reverendo sr. Avelino de Figueiredo, ha pouco chegado da «frouta», onde foi cumprir o seu dever de português e de sacerdote.

Ao padre Avelino de Figueiredo, a quem o Integralismo Lusitano tanto deve pela sua acção e pelo seu exemplo, reiteramos os nossos protestos de amisade e admiração pelas suas altas qualidades.

A mensagem do ex-presidente

Foi intimado a comparecer no juizo de investigação e está sendo, interrogado pelo juiz auxiliar sr. dr. Raul de Magalhães, o sr. Lemos e Napoles, editor do jornal «Republica».

Consta-nos que se trata da mensagem do ex-presidente dr. Bernardino Machado que como se sabe foi publicada naquele jornal.

Lapso involuntario

Foi certamente por lapso involuntario que o nosso colega *O Dia* afirmava ontem não se terem ocupado do caso Tecifilo nem os jornaes da manhã nem os da tarde. Não só nos nos ocupamos, mas tambem o nosso querido colega *O Liberal*, Fica á rectificação feita, sem que ela represente azedume ou colsa que o valha.

A crise das democracias

Com uma assistencia escolhida realisou-se ontem á noite na sala sobre da Liga Naval a anunciada conferencia de Armando da Silva. Amanhã daremos um largo excerto desse notavel trabalho. Pela soberania dos seus processos logicos, pelo dominio frio e elegante do pensamento, a conferencia de Armando da Silva foi toda ela um admiravel exercicio de inteligencia e de observação. As suas razões eram dum corte finissimo de diamante, como a couraça de Minerva. Pode Armando da Silva estar certo que a conferencia de ontem ficou marcando como um *manifesto* de que realmente pensa e sente a derrocada nova em Portugal.

Predominava na assistencia o elemento militar e academico, sendo o conferente apresentado com palavras do maior apreço pelo senhor comandante Policarpo de Azevedo. Principiou o conferente por examinar o que foi na sua abstracção o primeiro periodo do seculo XIX, tanto no campo puramente scientifico, isto é dentro da botanica e da zoologia, como no da sociologia, parou a mostrar-nos os erros do que enfermou no campo da politica, cujos resultados desastrosos ainda nós hoje sentimos.

Declarando a filosofia racionalista como responsavel dos erros de que ainda hoje vem soffendo a Europa, classificou de *germanismo, «o vicio fundamental da sciencia do ultimo seculo»*, e demonstrou-nos brilhantemente como a *Democracia*, ainda que formulada por Rousseau, é filha da filosofia alemã, no individualismo religioso de Lutero e no individualismo moral de Kant. Mas a consciencia do interesse da raça germanica, apesar das caracteristicas que já tacito tinha observado no Germano, sobrepoz-se a tudo, e assim exportou essa doutrina, que tão bem foi acolhida entre os povos latinos, sujeitando-se á disciplina politica da monarquia, quando foi preciso edificar o grande imperio alemão.

Para satisfazer o instintivo rebelde da raça, vemos a guerra. Assim o comprenderam os estadistas alemães, resolvendo na Alemanha, tudo pela guerra. Assim foi em 70 para a unidade territorial, e assim está sendo em nossos dias para a resolução do problema economico.

Declarando o militarismo alemão como uma funda necessidade nacional e absolutamente ligado ao sentimento comum na Alemanha, lamentou o dr. Armando da Silva o facto que nesta guerra se está vendo: dos Germanos defendendo-se, com o patrimonio antigo dos Latinos.

Fazendo a apologia do Nacionalismo, S. Ex.ª fez-nos ver a enorme diferença que ha, entre as razões porque se batem Alemães e Franceses. Aqueles lutam para conquistar territorio e com ele pagar os horrores da campanha, estes ultimos para no mundo estabelecer a Justiça, o Direito e a Democracia Universal.

Mostrou-nos a Democracia completamente falhada nesta guerra, tendo pelos principios igualitarios levado a indisciplina ao exercito e trocado a ideia nacionalista da Patria pela ideia de humanidade.

O patriotismo republicano, diz o dr. Armando da Silva, *substitue o amor commum da Patria pelo culto de principios litigiosos, de principios que dividem em vez de unir.*

Citando Fustel de Coulangea na visão nitida do mal ao atribuir ao liberalismo e á calunia historica a crise do patriotismo, francês, mostrou-nos que entre nós tambem são aplicaveis as palavras do grande mestre e que a nossa historia, falsificada propositadamente para servir uma falsa ideia, tem de ser revista com cuidado, sendo um dos trabalhos fundamentaes a que se tem de votar a campanha nacionalista. Essa obra felizmente, diz, já entre nós encontrou um excelente trabalhador, no espirito culto e esclarecido do dr. Antonio Sardinha, que brevemente, naquela mesma sala aclarará um dos pontos que mais escuros estão na nossa historia, numa conferencia sobre *As causas da nossa decadencia*.

A republica é um mal, disse o dr. Armando da Silva, e citando a frase celebre de Maurras, de que *«A unica maneira de a melhorar é destrui-a»*, mostrou-nos como tem aplicação aqui o velho axioma de Rivarol: *res eodem modo conseranter quod generantur.*

Continuando o dr. Armando da Silva demonstrou-nos como na hereditariedade real e na continuidade da acção monarquica encontrou a monarquia dos Capetos a sua principal força e que foi a falta da mesma continuidade da acção monarquica, que levou o exercito germanico á derrota de *Bouvines*. A força das nações latinas está no principio organisador e forte do catolicismo e cita a fase do grande chanceler quando da guerra franco-prussiana: *As nações latinas resistem ainda graças ao espirito catolico: Destruido o catolicismo, faço desaparecer á sua ultima força de resistencia.*

Filiou nas causas directas da guerra actual, a revolução francesa e o desvario napoleonico, que contribuiram no mais alto grau para a unificação da Alemanha, que é a sua principal força. Citou depois uma passagem de Maurras, num dos seus ultimos livros, chamando *uma das maravilhas do genio francês* a lei da sucessão dos seus reis.

Referindo-se a Portugal, diz que foi por os monarquicos terem a verdadeira noção dos factos, que a jacobinagem se apressou a inventar a atoarda do *germanofilismo monarquico*. Fez-nos saber a noção que ha entre os jacobinos de alfobre, sendo necessario para isso fechar os ouvidos aos escandalos francezes e aplaudir delirantemente a *libertação russa*.

Onde não existe um poder estavel, diz o dr. Armando da Silva, é impossivel existir a força. Foi reconhecendo isto que Bismarck protegeu a republica em França, tomando por isso na frase do Marquês de Rong, a terceira republica o nome de: — *Republica de Bismark*.

Demonstrando como os povos latinos prejudicam os seus interesses sempre que se desviam do elemento catolico, dá-nos o exemplo da Italia.

Declara Sua Ex.ª que a longa-rota da democracia está aberta. Na Suissa reconhece-o a *Gazette de Lausanne* num artigo publicado ha dois anos; na Inglaterra é o proprio Lloyd George que se encarregou de o dizer num discurso na camara dos comuns; e na America isso ficou demonstrado nos poderes dictatoriaes que logo após a guerra foram concedidos ao presidente Wilson.

Continuando brilhantemente o dr. Armando da Silva demonstrou-nos *que ser anti-parlamentar é acatar as lições da sciencia politica*.

O que nós hoje necessitamos não é conservar, é resuscitar. Precisamos de, na frase do Marquês de La Tour du Pin, renovar em vez de conservar.

Precisamos ser, diz, *reaccionarios* mas na verdadeira acepção da palavra.

Examina em seguida a revolução de Petrogrado, dando como a mais convincente prova da inconsciencia democratica, a maneira como ela foi recebida.

A' espectativa illusoria do momento sucedeu a desillusão mais completa com a derrota vergonhosa e a assinatura do tratado de paz. Ainda ai, diz, se demonstra a verdade do axioma de René Quinton.

Aconselhou a reunião, á sombra de Roma e a formação da *Republica Crista*.

Disse-nos depois qual era a verdadeira missão dos Reis, criticando os actos dessa monarca que é Jorge V.

A par da falencia da democracia politica, falou-nos o Dr. Armando da Silva na derrota da democracia economica. Historiou-nos a situação desafogada dos trabalhadores, antes de 80, com a organisação corporativa das profissões.

Veio a revolução e com ela o celebre norma *da liberdade de trabalho*, lançando a desarmonia e com ela o enfraquecimento na classe operaria. Mostrou o que é o nosso sindicalismo ordeiro, despreendido da fantasia revolucionaria.

A grande ligação que ha entre nações

MUSEU ANGLOFILO

II

Bernardino Guimarães

que é tambem Machado, e não usa o apelido de Pecheco, por precaução, vis o que é conse heiro... Nasceu no Rio, insultou Portugal na Universidade de Coimbra, fez cumprimentos para ser ministro e renegou a patria e as arapongas para ser rei e instalar-se em Belem. Como a *coroa* era falsa, mudaram-no para Espanha.

Como vi, depois de engraxar as polainas de Afonso XIII, tinha *cordealidades* excessivas com os maiorais republicanos, foi diplomaticamente despedido para França...

E' um terrivel anglofilo. Os inglezes que não temem o box, temem-no a ele, Bernardino Guimarães, brazileiro e conselheiro, pelo seu anglofilismo.

Quando da sua viagem ao extrangeiro Jorge V deu-lhe dois dedos de cavaco e inglu-lhe.

Historiadores graves dão a duração da conversa do Rei de Inglaterra com o Rei dos democraticos como sendo de 6 minutos.

Exemplifiquemos o seu anglofilismo ardente.

Fala Bernardino Guimarães:

— Com as nações futeladas para que tratados? Elas estimão por tudo.

E mesmo é que não temos um tratado de comercio com a nossa *aliada*, o italiano é do sr. Bernardino) e Inglaterra, que defenda sequer a nossa primeira riqueza, o vinho.

Portugal foi ficando desde 1892 o unico país sob o suforante rigor das pautas maximas do estrangeiro.

E só ultimamente começamos a sair desta situação de inferioridade, celebrando tratado com a Allemanha.

(Da conferencia de Bernardino Machado Guimarães dita na Assembléa Comercial Portuense, em 18 de março de 1910, e publicada como prefacio ao livro de Afonso Ferreira — «A alliança Ingleza», pags. X e XI).

Porque o sr. Bernardino prefacia o estudo do seu querido amigo Afonso Ferreira, perfilha as doutrinas e as affirmações do sr. Ferreira.

Vejamos uma affirmação do sr. Ferreira que o sr. Cordeal perfilha:

«Por cima dessa Inglaterra humana e elevada que irradia a folgurante luz dos Shakespeare, dos Milton, dos Byron, dos Shelley, dos Spencer, dos Darwin e dos Gladstone, e que o nosso espirito se compraz tone, e que o nosso espirito se compraz em venerar, existe uma outra que domina no poder e que vai buscar as tradições da velha raça fenicia os estatutos inexoravelmente acambarcadora e imperialista.

E' esta Inglaterra que se encontra em permanente conflicto com todos os sentimentos humanitarios, que são a mais bela caracteristica do nosso tempo; é esta Inglaterra, encarnada nos Salisbury, nos Chamberlain e nos Cecil Rhodes, que tem affrontado a nossa patria; é esta que tem abusado da nobreza e do altruismo que não queremos que os altos poderes do nosso país.

(Afonso Ferreira — «A alliança Ingleza» — Coimbra — 1910 — pags. 3 e 4)